

**CARTOGRAFIA DE SENTIDOS:  
Memória e Migração na Experiência Docente em Melgaço-PA**

*Ilca Pena Baia Sarraf<sup>1</sup>  
Agenor Sarraf Pacheco<sup>2</sup>  
Albêne Lis Monteiro<sup>3</sup>*

**Resumo:** Fundamentados no campo teorico metodológico da Cartografia em interfaces com a História Oral, analisamos narrativas de cinco mulheres paraenses que, no início da década de 1980, migraram para o município de Melgaço, no arquipélago de Marajó-PA, e tornaram-se professoras da Educação Básica. Os eixos centrais selecionados para esse estudo foram as razões da migração àquele município marajoara e o cotidiano de convivências pessoais e profissionais construído, destacando sociabilidades, tensões e superações. Ao final, atentos aos sentidos da experiência migrante do passado nos atos de rememoração do presente, desvelamos aspectos da avaliação que as próprias narradoras fazem de sua vida, formação e trabalho no magistério em Melgaço nos últimos 30 anos.

**Palavras-Chave:** Cartografia; História Oral; Migração; Memória; Educação; Melgaço.

**Tempos de Migração: *Embarque***

A história da educação de Melgaço, no arquipélago de Marajó-PA, após seu processo de emancipação em 1961 até meados da década de 1990, foi tecida pelas mãos de professoras migrantes. Na pesquisa desenvolvida por Sarraf-Pacheco (2006) e na investigação que Baia Sarraf (2014) está realizando, dois momentos emergem a respeito dessa história de deslocamentos de docentes para esse município. O primeiro ocorreu em 1971 quando chegaram a Melgaço quatro professoras da cidade de Capanema para trabalhar na Escola Estadual Bertoldo Nunes cujo prédio foi inaugurado em 1968 pelo Governador Alacid Nunes, em plenos tempos de Regime Civil Militar no Brasil. O segundo se deu na década de 80 quando chegou um número mais significativo de professoras para fazer parte da trajetória educacional no município e consolidar a educação básica no local.

É sobre esse segundo momento que este texto deita suas preocupações. A partir de entrevistas realizadas, em três distintos momentos (2002; 2003 e 2014) pelo primeiro e segundo autores, com as professoras Dilma, Wilma, Rosiete, Jurema e Fátima, analisaremos razões da migração para Melgaço e sentidos das convivências pessoais e profissionais, destacando sociabilidades, tensões e superações, especialmente entre o grupo que residiu na famosa “Casa dos Professores”.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Albêne Lis Monteiro.

<sup>2</sup> Doutor em História Social (PUC-SP) e Professor dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará.

<sup>3</sup> Doutora em Educação (PUC-SP) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA.

Desse modo, é preciso assinalar que as professoras migrantes chegaram a partir dos primeiros anos da década de 1980 para construir suas histórias com o lugar e com a educação do município. A escolha do estudo de suas trajetórias justifica-se, entre outros importantes aspectos, porque foram as professoras que “permaneceram, apesar das perseguições enfrentadas na década de 90 pela administração pública” (SARRAF-PACHECO, 2006:142). Por suas opções de vida e profissão, assumiram variados desafios e defenderam diversas bandeiras de luta, entre elas a melhoria da qualidade da educação, políticas de formação, garantia dos direitos profissionais, além de permanentes afirmações pela própria vida em terra não-familiar.

Os fatores considerados como justificáveis para um número significativo de migração de professores para Melgaço pautava-se na carência de formação dos filhos da terra para exercerem a profissão-professor; na ampliação da demanda estudantil; e nas exigências ao direito à educação e a necessidade de promover a expansão e melhorar a qualidade da educação no município. Essas mulheres saíram de suas terras, umas desde criança, outras na juventude em busca de realizações de seus sonhos e foi nessas idas que se encontraram com a cidade de Melgaço e nela fizeram-se professoras.

De acordo com pesquisa de Baía Sarraf (2003), é possível compreender o percurso que o município realizou no processo de formação de professores para atuarem no Ensino Fundamental e, posteriormente, no Ensino Médio. O Ensino Médio em Melgaço chegou em 1990, por meio do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), implantado pela Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC) em 1980. O curso de Magistério foi a área contemplada pelo município. Com isso, iniciava-se na própria sede, a política de formação de professores, antes a grande maioria dos professores da Educação básica era oriunda de outros municípios do Pará.

Em 2001 com a extinção do Magistério, o Ensino Médio passou a ser em Educação Geral. Baía Sarraf (2003) ainda demonstrou que a migração das professoras para Melgaço na década de 80 contribuiu para que em 1984 o município conseguisse formar a primeira turma de 5ª série. Assim em 1987, a localidade festejava a conclusão da primeira turma de 8ª série com 14 alunos. Essa demanda, todavia, precisou esperar a chegada de 1990 para começar a cursar o Magistério pelo SOME.

Nos depoimentos recuperados em 2003 sobre a Formação de Professores em Melgaço, Baía Sarraf expõe que os entrevistados anunciaram o desejo de os próprios filhos da terra exercerem a docência. Enfatizaram, ainda, a importância de investimentos para a formação de

professores no próprio município para não mais depender de profissionais vindos de outros lugares. Era necessário que o ensino, principalmente, de 1ª a 4ª série, fosse ministrado pelos filhos da terra.

O SOME surgiu para atender essa necessidade, possibilitar a ampliação do universo profissional e diminuir a carência de profissionais de Magistério, Administração e Contabilidade, já que eram os cursos a princípio ofertados pelo projeto e também para diminuir a má qualidade da educação no Estado. (BAIA SARRAF, 2003:24)

A criação do SOME pelo governo do Estado tinha como filosofia básica garantir o acesso ao Ensino Médio em comunidades longínquas à Belém. Sem estruturas para organizar um sistema regular de ensino, a SEDUC possibilitou à Melgaço iniciar a formação do professor e lentamente melhorar o quadro docente<sup>4</sup> da rede municipal de ensino.

Depois do segundo momento de migração de professores na década de 80 e com a implantação do curso de Magistério, outra demanda de professores migrantes chegou a Melgaço na década de 90. Desta vez, porém, são professores migrantes itinerantes, pois o tempo de moradia era provisório, perfazendo um período de 55 a 60 dias, estabelecido pela organização funcional do projeto SOME. A partir de 2003, quando os professores para ministrar aulas no Ensino Médio deixaram de vir da capital do Estado, a direção da Escola “Tancredo de Almeida Neves”, única escola da rede estadual na cidade, precisou criar o regular e solicitar contratação de professores para esse nível de ensino.

Assim, nessa primeira década do século XXI, é possível afirmar que o quadro de professores do Ensino Médio regular em Melgaço foi formado com professores migrantes da década de 1980, alunos das primeiras turmas de Magistério que se graduaram pelos Campi de Soure e Breves e alguns novos professores migrantes. Como se vê, a prática da migração inscreveu-se em momentos importantes da educação de Melgaço e ainda hoje atravessa sua história, mas isso é assunto para outra pesquisa.

De agora em diante, pelos caminhos da composição de memória (THOMSON, 1997), mergulharemos na cartografia de sentidos que as professoras migrantes da década de 1980 teceram acerca de suas trajetórias, dando ênfase aos motivos das partidas e chegadas e o cotidiano compartilhado na terra hospedeira. Antes apresentaremos a perspectiva teoricometodológica da cartografia em sua interface com a história oral, como caminhos escolhidos para convidar as professoras a socializarem suas experiências vividas.

---

<sup>4</sup> De 1990 a 2001, período em que o Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) esteve em Melgaço, foram formadas 10 (dez) turmas e 115 alunos concluíram o curso de Magistério.

### **Cartografia de Sentidos: Percursos da Pesquisa**

A escuta das histórias das professoras explica o desejo de registrarmos razões que lhes levaram a migrar para Melgaço. Igualmente, ao mapearmos trabalhos com a temática Mulher, Educação e Migração, deparamos com uma certa carência de estudos até os anos 90. Almeida (1998), ao estudar a presença feminina na educação brasileira, revela o lugar restrito a que foram relegadas. Tal dimensão associa-se à exclusão do sexo feminino no mundo social e do trabalho, mesmo sendo elas determinantes nos rumos tomados pela profissão docente no país.

Desse modo, se a carência de tais estudos, denunciada por Almeida, já vem sendo enfrentada com novas investigações, no mundo amazônico essa temática voltada para compreender o movimento trilhado por professoras migrantes ainda está por ser construído<sup>5</sup>. Ao visarmos contribuir com a tessitura do mapa de pesquisas sobre a temática, importante para o campo da História da Educação, traçamos um percurso teorico-metodológico que procura interrelacionar Cartografia e História Oral para compreender motivações que levaram as professoras à prática migratória e, nesses meandros, apreender complexos sentidos na experiência do deslocamento.

A Cartografia é um campo teorico-metodológico interdisciplinar, aberto a diferentes interesses e perspectivas analíticas. Ao questionar as dualidades da ciência moderna e mergulhar na direção de um pensamento arquipélago (GLISSANT, 2005), possibilita pensar, registrar e refletir a complexidade dos caminhos que trilha uma investigação científica humanizadora e inclusiva. Ao se propor a romper fronteiras estabelecidas pelo pensamento abissal (SANTOS, 2010), a Cartografia aqui adotada procura operar com uma outra gramática nas etapas da pesquisa. Evitamos, por isso, termos como dados, sujeito-objeto, procedimentos, técnicas, dentre outros, por fazerem parte de um sistema de pensamento científico que negou a arte da escrita e da vida (HISSA, 2013).

Nesse contexto, Homi Bhabha (2003:198) adepto do fazer cartográfico, refletindo sobre o tempo de formação da nação para esclarecer que ela se constituiu nas teias de deslocamentos, diásporas, exílios, línguas e culturas diversas, reunindo margens de culturas “estrangeiras” em fronteiras, incisivamente orienta: “Precisamos de um outro tempo de *escrita*

---

<sup>5</sup> A partir de pesquisa em bancos de teses e dissertações em Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil ou sites de busca, encontramos Tanus (2002); Nobre (2009); Alexandre (2011); Campos (2011).

que seja capaz de inscrever as intersecções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência moderna da nação ocidental” (Idem, p. 201).

Optamos pela Cartografia por valorizar todo e qualquer registro, seja ele oficial ou popular, tal como ensina a História Cultural (BURKE, 1992; 2005). Entre esses registros, narrativas orais ganham forte representação por permitirem valorizar trajetórias de vida que ficaram, quase sempre, no anonimato ou reduzidas a dados estatísticos em escrituras oficiais. A despeito do encanto com a riqueza das trajetórias profissionais e pessoais, a Cartografia interessa-se por captar conflitos, negociações, afetividades, posicionamentos políticos, religiosos, sociais e por contribuir com o campo das pesquisas em educação, ao valorizar histórias de vida de professoras migrantes a partir de um mergulho no universo das memórias.

Para estabelecer diálogos com as professoras migrantes, recorreremos a orientação de Oliveira por explorar a metodologia da História Oral, permitindo compreender a simbiose entre migração e trabalho na docência. Via processos de afloramento de memórias, a autora enfatiza:

[...] o processo de reavivamento das lembranças através de um trabalho mais refinado da memória é visualizado nos projetos de investigação/formação de professores. Os baús, as caixinhas e os álbuns, ao serem trazidos para o trabalho de escrita autobiográfica, ou no momento da entrevista, permitem que as pessoas reconstruam imagens com mais detalhamento e sentimento. (OLIVEIRA, 2005:96)

O ato de recordar é uma intervenção no caos das imagens guardadas. Quando as professoras acionam suas lembranças dos atos migratórios, há um enorme esforço para selecionar e organizar as que consideram mais significativas. Nesse processo, o passado e o presente se entrelaçam, tornando-se difícil separar seus fios (MALUF, 1995). Na mesma perspectiva Bosi (2003:53) afirma que “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” e, ainda, “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade” (BOSI, 2003:16).

A interação com reminiscências de memórias narradas pelas professoras migrantes e com elas fazer o desembarque em suas histórias de vida, foi necessária “uma troca de olhares” (PORTELLI, 2010:20), que exigiu a construção de laços de confiança. Na dinâmica do percurso, seguimos orientação do estudioso italiano da História Oral:

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que uma espécie de mutualidade seja estabelecida. (PORTELLI, 1997:09)

Amado et al. (2001) também aponta ser necessário um primeiro contato com o informante para socializar os interesses do pesquisador e situá-lo a respeito de sua colaboração no processo de investigação. Orientações de Alberti (1989) concatenam-se a nossa compreensão sobre a postura que se deve adotar em relação ao retorno das narrativas aos entrevistados como componente fundamental para estreitar o diálogo.

É a continuidade da relação entre entrevistado e entrevistador que permite a ambos se conhecer melhor, estabelecer pontes e aproximações entre o que foi dito em sessões diferentes, identificar as peculiaridades de cada um e as situações que parecem conduzir a um diálogo mais proveitoso para o objetivo comum: enfim, é a continuidade da relação que muitas vezes permite criar as condições de sucesso de uma entrevista. (ALBERTI, 1989:71)

A postura foi de retornar as narrativas às professoras, para possibilitar avaliações do que socializaram de seus baús de memória. A oportunidade de lerem o oral deitado no papel permitiu a elas realizarem reflexões, retirarem ou complementarem aspectos que consideraram importantes à compreensão de suas histórias de vida. O exercício possibilitou ainda acompanharem o desfecho de suas trajetórias e certificarem-se da integridade da transcrição.

### **Razões da Partida**

Toda partida seja qual for sua motivação, sempre vai trazer sensações de encantamento ou desencantamento no encontro com o outro e com o lugar de chegada. Segundo Nobre (2009:105), “o migrante, quando chega ao lugar determinado, não está carregado somente de seus pertences materiais, mas apresenta, além de sua história de vida uma carga de valores morais e culturais, suas esperanças e vontades, estabelecendo então uma relação de troca”.

Nas bagagens dos migrantes viajam equipamentos materiais e dimensões ou capitais simbólicos, sociais ou culturais, todos são significativos para negociações e adaptações às novas relações que serão vividas e para a realização dos projetos que foram traçados na esperança de tornar a vida melhor naquele novo lugar. Nos rastros desse pensamento, a representação do lugar para o que chega é assim descrita por Tanus (2002:80).

Para alguns, os espaços são locais de passagem, andarilhos sempre. Para outros, ainda o espaço de sobrevivência, onde procuram se integrar ao novo cotidiano a ser vivido e sorvido, muitas vezes, com voracidade. São presos ao encantamento do desconhecido. De qualquer forma, as mudanças propiciam mudanças na visão de mundo, fecham, mas também abrem horizontes. Nada fica igual e, no mesmo movimento, modificam-se, sobretudo, as pessoas.

Melgaço emerge inicialmente como território de passagem que na década de 1980 recebeu as professoras Wilma, Dilma, Rosiete e Fátima, as quais pela primeira vez começariam a plantar dentro de si a semente do magistério. A professora Jurema quando chegou já havia exercido a profissão e veio para assumir a secretaria de educação.

Wilma Vilar, depois de experimentar o trabalho doméstico em várias casas de família em Belém, no final do 3º ano do curso de magistério, recebeu um convite inesperado para exercer a futura profissão em um município desconhecido.

Estava terminando o meu 3º Ano era doméstica quando conheci um senhor chamado Jair que era juiz aqui no município de Melgaço. Um dia ele chegou e perguntou se eu não queria exercer um cargo de professora em Melgaço. Perguntei para ele onde ficava, ele disse: “é na ilha do Marajó”. Falou que seria bom, eu iria ganhar um salário, o prefeito Alberto Felipe dava uma ajuda de custo. Assim, vim embora para Melgaço, isso aconteceu em 1982. O nível de escolaridade em Melgaço era a 4ª série, todos os professores vinham de Belém dar aula aqui, às vezes, tinha aquela que ficava quatro anos ou então conseguia construir sua família, casava com alguém e aqui ficava. Geralmente vinha um grupo, passava quatro anos, vinha outro grupo ou então passava dois anos, um ano e assim ia acontecendo. (Professora Wilma – 2014)

O exercício de recuperar trajetórias passadas no presente aciona a dinâmica da memória. Bosi permite compreender que “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 2003:36). Neste sentido, talvez como invasores de sua caixinha de memórias, continuamos nossa escuta a respeito da expectativa na terra hospedeira.

A minha expectativa era de melhorar meu salário, ajudar mais a minha mãe, o meu filho que ficou para eu poder mandar as coisas para ele, dinheiro para ele (emocionada) e eu queria mais para a minha vida, eu não queria ficar só naquilo. [...] Eu tinha um orgulho de ver me chamarem de “professora Wilma”, eu comecei a criar essa nova identidade, por onde eu passava diziam: “olha essa aqui é a professora Wilma”. (Professora Wilma – 2014)

Concluído o curso de Magistério Wilma aceitou o convite feito pelo juiz e deslocou-se para assumir a profissão que escolhera: “ser professora”. Para ela não seria apenas uma aventura, mas o desejo de mudar de vida e se estabilizar profissionalmente para ajudar a mãe e o filho. No percurso da viagem, Wilma viveu muitas emoções e solicitou permissão para relatar.

Posso relatar a minha viagem? Eu vim embora, peguei um barco que era enorme, quando chegamos à baía das Araras pregou, passamos uns três dias, quando conseguimos chegar em Melgaço depois de uns cinco dias, descia na baía, passava para um outro barco, então eu chorei, “o que eu vim fazer para cá?” Quando entrei na comunidade tão pequeninha que eu imaginava um Marajó brilhante, bonito que eu ouvia falar, eu me decepcionei no primeiro momento. No primeiro momento veio eu, a Dilma, a Graça e a Isabel, eu comecei a chorar e a Graça disse: “Wilma não fica

triste, não volta, vamos enfrentar, eu fui levando, entrei na comunidade e fui pegando o gosto, então eu fui descobrir a minha verdadeira vocação que era para ser professora. (Professora Wilma – 2014)

O choro na chegada pode ter sido gerado por um misto de sensações, seja pela insegurança ou medo de habitar em um lugar, na época, de difícil acesso, seja de alegria pela esperança de ter uma vida melhor economicamente. O depoimento da professora Wilma permite dialogar com Castoriadis (1982:163) quando assinala que um acontecimento só é traumático porque é vivido como tal pelo indivíduo. Assim, percebemos como cada professora sentiu e viveu a viagem, o que para a professora Wilma se tornou um trauma em virtude do acontecimento com o barco e talvez por ser sua primeira experiência em transporte típico da região marajoara, acabou representando insegurança, medo e tribulação. Para a professora Rosiete o estranho se tornou emoção, prazer; o percurso e a paisagem foram elementos que inspiraram reflexões que lhes preencheram lembranças vividas, amenizando as saudades.

Cheguei aqui no dia 11 de Agosto de 1983, num período em que Portel estava em festa, não lembro no momento a santa que estavam festejando. E nessa viagem eu vim com a professora Graça Alves que já trabalhava e conhecia Melgaço, chegando aqui a lancha foi nos buscar, já que nós tínhamos que descer no meio do rio, da baía. Mas essa viagem para cá, eu vou falar um pouquinho, ela foi gostosa, prazerosa, porque fiquei observando muito, senti saudades sim, do que eu deixei para traz, mas foi uma saudade que não deu para chorar, que não deu para se desesperar, porque eu achei a viagem maravilhosa, nunca havia andado de navio ou de barco, um barco de maior porte. Havia andado de canoa de pequeno porte, porque muitas viagens eu fazia para Belém, eu vinha, muitas vezes, de canoa pequena com meu pai. Então eu já conhecia um pouquinho dessa experiência, mas de navio, de barco de maior porte, não! Foi muito interessante aquela grande quantidade de verde que ficava em cima do mar. Achei lindo, fiquei maravilhada e também comecei a observar essas moradias, porque para lá para o meu lugar, Colares, especialmente Itajurá, eu praticamente não saía, só ia na cidade, e nas outras comunidades. (Professora Rosiete – 2002)

Por essa perspectiva, é possível pensar a viagem das professoras não apenas por um percurso linear e programado, mas uma transição cheia de improvisos e significações que ganham dinamicidade a partir do que é vivido e imaginado por cada uma delas. Igualmente, os sentidos que as impulsionaram a migrarem para Melgaço vai emergindo em relações e distinções. Em Rosiete a força e vivacidade da narrativa parece desejar que o pesquisador também sinta as mesmas emoções do passado filtradas pelos enredos e capacidade de fazer emocionar no presente. Desse modo, “o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 2003:36).



Para eu vim para Melgaço, aconteceu da seguinte forma: Em 1983, início mais ou menos do ano, eu ainda estava trabalhando na Marmobrás, foi quando reencontrei a Dilma e mais uma vez lançou-me o convite para vir trabalhar em Melgaço. Nesse período, ela já estava exercendo o cargo de diretora da Escola Bertoldo Nunes e me falava das experiências daqui de Melgaço, das pessoas, dos passeios que elas faziam de barco, das amizades que tinha, do apoio da prefeitura. De todas as coisas que me falou fiquei encantada, então ela até brincou comigo, “Rosiete vamos para lá quem sabe tu não vais conhecer um fazendeiro também e tal”. Eu disse: É mesmo! E respondeu: Vais ver que tem muita fazenda e vais gostar muito! Eu disse: É verdade? Depois falou-me que aqui a prefeitura também cedia casa, dava uma ajuda de custo e tinha uma funcionária que fazia os trabalhos na residência dos professores. (Professora Rosiete – 2002)

Os motivos que fizeram Rosiete migrar para Melgaço articulam-se ao posicionamento de Demartini (2010) acerca do movimento de deslocar-se de um lugar para o outro, ampliando, inclusive, perspectivas analíticas apontadas pela autora. Se a migração não pode ser analisada como uma dinâmica forçada, a única saída para a sobrevivência, mas como bem enfatizou um projeto de vida, a realização de um sonho, o desejo de desvelar o estranho e viver novas aventuras, na experiência da professora aparece como uma provocação para o casamento com um fazendeiro marajoara, rico e poderoso. Contudo, foi a necessidade de conseguir um emprego melhor, ganhar estabilidade funcional e tornar-se uma profissional formada e reconhecida que falou mais alto no sim dado pela professora.

As expectativas foram tremendas, quando acordei estava na baía de Melgaço. O que me chamou muita atenção em minha chegada foi que a baía estava coberta de mururé, um vegetal típico da região em tempos de maré grande, mas também o que me aguardava [...]. Quanto à docência a minha preocupação era se eu iria dar conta de ensinar os conteúdos propostos para a 4ª série, como seriam esses jovens? Como eu iria me relacionar com eles? Eles iriam me obedecer? Pois a ideia de ser professora era ter uma boa idade, apesar de ter 25 anos eu aparentava ser bem jovem. Outra coisa que me preocupava era se os alunos perceberiam se eu estava segura daquilo que explicava. Então o professor ainda estava impregnado de comportamentos autoritários, que o aluno lhe devia obediência, de uma relação distante – era o chamado manejo de classe – fazer o aluno ficar no seu lugar. Além de que eu estava me sentido muito importante, professora aqui era muito respeitado pela comunidade e chamava muito atenção, principalmente por ser de outro lugar. (Professora Rosiete – 2002)

As preocupações de Rosiete acerca das representações que moradores e alunos de Melgaço teriam sobre sua pessoa, revelam que buscar um novo lugar para morar e trabalhar é ir “em busca de si mesmo”. Conquistar a estabilidade profissional é encontrar-se consigo e tornar-se alguém situado na profissão e no meio geohistórico em que está inserido. Pode-se analisar que as interrogações feitas pela professora, de acordo com Teixeira (2002:12-13), “procura compreender como o migrante representa a sua realidade e como recompõe a identidade abalada a cada mudança, já que ele anda com a raiz na mão”. Portanto, esses

questionamentos significam um olhar no presente a questionar a sua aceitação e permanência no município.

A professora Dilma assim como Wilma, Rosiete e Jurema também já trabalhava quando se deslocou para Melgaço. Diferente de sua prima Rosiete, Maria Dilma Corrêa instaura os sentidos do deslocamento como desígnios do destino, a inquietações de ordem transcendental ou a uma espécie de chamado porque ali encontraria um grande amor com quem viveria os momentos mais especiais de sua vida, mesmo sem desconsiderar o aspecto financeiro. Dilma narrou e interpretou sentidos da experiência migrante como um insight, um click para uma decisão que mudaria completamente sua trajetória de vida.

Quando ela mostrou o contracheque dela que eu vi, eu me admirei e perguntei: “você é de Melgaço?” E ela disse: “sim” e ela contou a história dela. Era uma professora que já estava com três anos em Melgaço, mas que estava pedindo transferência para Belém, porque a família dela era de Belém. Outros professores também, na faixa de quatro ou cinco anos que estavam em Melgaço estavam vindo transferido e, ela inclusive, me falou das condições que Melgaço oferecia e que nesse período a escola iria ficar sem professor. Eram condições que no momento me chamaram a atenção, despertou o meu interesse, então parece assim, não sei, na hora deu um click, eu gostei da proposta. Ela falando para mim eu gostei. Ela disse: “você é professora?” Eu disse: “sou, mas não sigo a profissão”. (Professora Dilma –2014)

Foi num dia de trabalho, em um encontro casual onde tudo aconteceu. Dilma ao preencher o cadastro da cliente, descobriu que ela era professora em Melgaço, ficou surpresa, porque em sua adolescência havia conhecido o município, na época em que morava com o casal amigo dos avós. As histórias contadas pela professora despertaram em Dilma o desejo de retornar aquele lugar.

A entrevistada mostrou-se interessada, o apoio da prefeitura era tentador e a possibilidade de ter um emprego pelo Estado foi irresistível, então, por intermediação daquela professora, Dilma entrou em contato com o prefeito e “com um mês estava chegando em minhas mãos a passagem e a portaria do Estado, tudo para que eu viajasse para Melgaço foi isso que aconteceu”. A atitude de Dilma causou espanto para a sua família, não acreditavam que iria largar o emprego, deixar Belém e ir morar no Marajó. Com alegria no olhar, no entanto, confessou:

Olha Ilca, eu acho que é o destino (risos). Não sei, porque motivo, foi uma questão de desafio, de querer voltar também lá, eu não sei, alguma coisa me dizia que eu teria que voltar, talvez porque eu já conhecida, foi um lugar também acolhedor e era bem pequenininho na época e foi minha vontade, despertou o interesse, financeiramente também. Só o fato de você ter um lugar para trabalhar, uma casa para morar, uma pessoa para fazer a sua alimentação, viver apenas para trabalhar no seu serviço, morar em comunidade, você vai conviver com outras pessoas, eu acredito que as coisas

foram se encaixando e, também o destino, porque, eu sair quarta-feira de Belém e cheguei numa quinta-feira em Melgaço, na sexta-feira eu conheci o meu futuro esposo é, impressionante, sexta-feira a gente se conheceu no sábado a gente começou a namorar e com ele vivemos mais de 30 anos. (Professora Dilma – 2014)

Os relatos cheios de detalhes e expectativas que a professora socializou do seu encontro com Melgaço e com o futuro esposo fazem lembrar reflexões de Maluf (1995:70) ao dizer: “ao lembrar, o indivíduo memorizador constrói paisagens e imagens que são verdadeiros campos de significado para o lembrado. A memória não pode ser entendida, então, como revelação”, mas como uma interpretação de suas lembranças.

Já a professora Jurema foi uma professora migrante que diferente das demais professoras vinha de experiências docentes no interior de Breves antes de fazer o deslocamento para Melgaço, assim como também não veio inicialmente para exercer esse ofício, mas assumir função administrativa na gestão municipal. Em seu relato, socializa motivações para deixar seu município e migrar para o município vizinho.

O meu padrinho Hermógenes ganhou para prefeito em Melgaço e me convidou para ser chefe do setor de educação. Naquele momento, o que me levou a aceitar esse convite foi a oportunidade de ter um salário melhor pois pensava nas condições de vida de minha família. Se eu não tivesse recebido uma boa proposta eu teria ficado em Breves e lutaria por uma vaga. Naquele final de ano de 1982, eu ganhava seis mil cruzeiros velhos e passei a ganhar quarenta e cinco. (Professora Jurema – 2014)

O convite do padrinho de Jurema para assumir no município um cargo de confiança, aumentou-lhe o desejo em galgar degraus mais alto da profissão, por exemplo, ser chefe, ter status social e ganhar um bom salário, portanto na eminência de não rescindir o contrato por Breves, arrumou as malas e embarcou com toda família<sup>6</sup> para fazer residência em Melgaço. Levava consigo a certeza de melhorar as condições de vida da família que, naquele momento, vivia uma crise financeira em função do tratamento de saúde de um irmão. Nesse viés de compreensão, Nobre (2009:34) é esclarecedora quando afirma que “o trabalho confere ao professor um determinado status, proveniente dos direitos e obrigações que lhe são socialmente impostos dentro da organização social e que se fundem profundamente na constituição de sua identidade”.

Se Wilma, Dilma e Rosiete migraram para ser professoras da rede estadual e Jurema para ser secretária municipal de Educação, Fátima foi a única que migrou por outro motivo: veio a princípio exercer a profissão de babá. O convite foi feito por uma amiga enfermeira que

---

<sup>6</sup> A professora Jurema foi a única migrante que trouxe a sua família para residir em Melgaço.

era de Belém, mas prestava serviço no município. Por estar grávida, assim como Fátima e, conhecendo as dificuldades que ela estava vivendo para conseguir emprego, fez-lhe a proposta. Fátima com um sorriso meio tímido, desvelou suas memórias:

Na verdade, quando eu vim com ela eu não tinha muitas expectativas, até porque eu não conhecia Melgaço, eu pensava que eu iria passar um tempo e depois voltaria para Belém. Eu não conhecia Melgaço, quando a enfermeira me convidou eu vim só para cuidar da filha dela e da minha, eu não pensava em ficar e ser professora aqui. Eu não pensava muito o que iria acontecer depois e foi acontecendo ao acaso na minha vida, a Dilma me viu, eu não sei como souberam que eu era professora, eu acho que foi a Irene que falou para alguém, daí a Dilma pegou o meu documento e levou, não foi planejado de dizer eu vou lá, eu nem sabia que precisava de professor como era a situação aqui em Melgaço, isso aconteceu mesmo por acaso. (Professora Fátima – 2014)

Para Fátima assumir a profissão docente em Melgaço foi questão do acaso, era seu desejo desde criança ser professora, mas sempre pensou em oficializá-lo em Belém, porém depois de inúmeras tentativas não sucedidas, o sonho se concretizou no Marajó. Migrar para Melgaço foi questão de necessidade financeira, esperava um bebê e sem perspectiva de trabalho na capital, precisou tomar outras decisões para ter condições de oferecer o mínimo de conforto a sua filha que chegaria. O contrato de professora pelo Estado foi a realização de um sonho e a oportunidade de escrever uma nova história de vida.

Na escuta atenciosa das histórias de vida de cada professora migrante, percebemos que cada uma construiu enredos relacionais e específicos em suas trajetórias. Numa visão ampla, a migração para Melgaço justificou-se, em linhas gerais, pela busca do trabalho. Nos detalhes das narrativas, contudo, surpreendem-se outros razões e significações para a travessia. Por esse prisma, dizeres de Teixeira (2002:14) articulam-se à cartografia de sentidos em tessitura nesse texto: “a história de cada um é um mergulho que, impulsionado pela superfície social, vai em busca das profundezas, do labirinto imaginário. Labirinto que, simbolicamente, conduz à Terra Prometida, pois não é outro o mito que move o migrante”.

### **Laços & Tensões Cotidianas**

Se Melgaço foi a “Terra Prometida” para as professoras fazerem suas histórias com a educação, elas se encontraram e viveram intensamente essa relação, alinhavando complexos laços de convivência. Narrativa da professora Wilma, torna-se abre-alas para adentramos na segunda intenção do texto.

A turma que veio comigo realmente, nós, abraçamos Melgaço, só foi embora a Graça e a Isabel o resto ficou aqui, às vezes, eu fico conversando com a Rose, “Rose, eu acho que a gente nunca vai embora daqui”, um dia desse ela estava com uma conversa que ela ia fazer um concurso para Cameté e se ela passasse ela ia embora, eu disse: “tu vais nada” (risos). (Professora Wilma – 2014)

De acordo com as narrativas das professoras, Melgaço não foi somente um espaço de realização profissional, mas de múltiplas relações. O primeiro contato entre elas foi na conhecida “casa dos professores”. Nesse contexto, Sayad (1998) ajuda a discutir a concepção de espaço para o migrante, explorando o aspecto solidário de sua partilha como fator fundamental para mostrar a sociabilidade e a acolhida entre os que chegam. Com exceção de Jurema que, antes de casar, morava com os pais, essa foi uma marca presente entre as professoras migrantes que chegaram a Melgaço. Elas dividiam a mesma moradia e sua dinâmica interna.

Muitas situações vividas e sentidas, projetos traçados e nem sempre realizados em terra familiar proporcionaram trânsitos que fizeram as professoras migrantes embarcarem com o desejo de realizá-los em terra estrangeira. O encontro aconteceu na casa dos professores, lugar de memórias, espaço de construção e partilha de sentimentos para as docentes que ali residiam. Com grande entusiasmo, Wilma seguiu narrativa das convivências e laços urdidos naquele emblemático habitat.

Nós morávamos todas só em uma casa, tanto profissionalmente quanto a parte sentimental. A gente era companheira realmente, se uma estava passando por dificuldade todas nós ajudávamos, então, a relação social de todas nós era de amizade, porque todas nós estávamos fora da nossa família, era de você se comprometer com a causa, ter a coragem de falar, mas ao mesmo momento pedir desculpas e não ficar remoendo coisas ruins. Então, a minha relação social quando eu morei na casa, praticamente mais de oito ou nove professores, cada um tinha seu modo de pensar, mas eu fui uma pessoa que sempre prestei a atenção e respeitei os outros. Eu tenho essa facilidade de abertura, de diálogo e de respeito pelo outro. Então, a relação social que eu desenvolvi com essas pessoas que trabalharam nesse tempo foi de irmã, de companheirismo. (Professora Wilma-2002)

Na interpretação da professora, morar na casa, dividir o mesmo espaço serviu-lhe de aprendizagem para viver em comunidade. Saber compartilhar o material e o sentimental, dialogar e escutar o outro foram atitudes fundamentais para manter o ambiente mais familiar, pois todas estavam na mesma condição de estrangeira. A casa alcança, nesse contexto, território em que estranhos tornam-se familiares e nas diferenças podem construir um novo sentido de família em território estrangeiro.

Esse tipo de relação estabelecida na casa dos professores pela ótica de Wilma dialoga com o posicionamento de Tanus (2002) por considerar que o migrante busca constantemente em terra não-familiar recriar uma nova relação com as pessoas como estratégias de substituir “os elos perdidos do afeto”, tornar o encontro menos resistente e mais afetivo.

Aqui dentro dessa casa eu vivi muitos momentos felizes, o meu crescimento educacional e cultural aconteceu quando eu morava aqui. Por exemplo, eu fiz Estudos Adicionais, passei no vestibular, morando aqui dentro dessa casa, engravidei da minha filha Viviana, que me acompanhou no período todinho da Universidade, convivi com muitas colegas que tenho saudade, como a Luíza, a Lúcia, a Graça que foi embora, a Edina, muitas pessoas que deram um trabalho significativo para Melgaço, foram embora, foram em busca de outros horizontes. (Professora Wilma-2002)

Para a professora Wilma, a moradia compartilhada ajudou, além da relação de amizade, para o seu desenvolvimento profissional, cultural, social e afetivo. Comungando dessa experiência, a professora Dilma considerou que a principal contribuição foi dividir com as colegas as dificuldades do ofício para juntas buscarem superação através da troca de experiências, já que na época não havia no município profissionais de equipe pedagógica nas escolas. O morar coletivamente

ajudava muito, porque nós nos reuníamos para discutir o que estava acontecendo, como trabalhar, como fazer. [...] nós procurávamos trabalhar em conjunto, sempre passando de um para outro. [...] mas não foi fácil no momento para a gente iniciar uma carreira. Sem experiência nenhuma em uma sala de aula onde você encontra várias diversidades para trabalhar [...]. (Professora Dilma-2014)

Sayad (1998) ao discutir a moradia como “habitação-alojamento” do migrante trata-a como questão de uma comunidade por viverem nas mesmas condições de vida, de espaço, habitação e seguirem a mesma dinamicidade do ser migrante, podendo reforçar o sentimento de solidariedade e de proximidade social.

Caminhando em outra direção para explorar sentidos que afloram no presente acerca da complexa convivência na casa dos professores, colocamo-nos a escuta de Rosiete:

Nessa residência moravam médicos, enfermeiros, professores, dentistas, todos viviam nesta casa. Eu já tinha também um pouco dessa experiência de morar com colegas e já estava com os meus 25 anos, pelo menos eu já estava vivendo essa experiência de dividir aluguel com algumas companheiras. E eu sempre fui uma pessoa muito calma, sempre eu ouvia muito as pessoas, acabava nunca revidando o que as pessoas me diziam, sempre ficando ouvindo, não discutia. Na maioria das vezes, quando alguma coisa me ofendia, na verdade, eu acabava chorando, e não me defendia. (Professora Rosiete-2002)

Nas lembranças da professora vem à tona outros tempos de experiências de viver em moradia compartilhada, entre os quais emergem situações nem sempre fáceis de resolução. A omissão, a passividade, o silêncio, o choro, tornaram-se, no primeiro momento, a solução encontrada para encarar os momentos conflitantes.

Aqui em Melgaço existia uma competição digamos, quem chegou primeiro sempre tinha prioridade frente a quem chegou depois, era parecido calouro, sofria algumas penalidades, algumas punições para aprender, para ir se adaptando e isso aconteceu comigo. Algumas colegas que já estavam mais tempo se achavam donas do espaço A, do espaço B e eu sempre fazendo concessões, achando que elas tinham razões. Mas o meu trabalho, minha experiência de professora, leitura e o convívio eu fui aprendendo que você tem que ceder as coisas, mas você tem que olhar que também tem direito, e eu fui aprendendo a conviver com isso e sabendo falar. Eu sempre fui uma pessoa muito tímida, que ouvia muito, chorava, ficava me lamentando e fui vendo que não podia viver desse jeito, isso fez eu ir aprendendo a viver, conviver e fazer as pessoas também me respeitarem. Eu fui me impondo em muitas questões, fui vendo esse relacionamento, eu não devia me comportar como eu me comportava em Belém, não que eu fosse assanhada, não é nesse sentido, mas tudo para mim eu achava que era fácil que podia ser desse jeito, de chegar, conversar e comentar algo, hum! eu fui ver que não era bem assim, que eu não poderia estar envolvida em fofocas, em confusões, eu fui me policiando. Apesar disso, eu tinha um bom relacionamento com as professoras, não me lembro que tenha ficado de mal com alguma, que tenha brigado, pelo contrário, nós vivíamos realmente num grupo, num coletivo trabalhando em prol da comunidade. (Professora Rosiete-2002)

Quando a professora falou da competição entre as moradoras da casa pelo espaço A e B, aquela que chegou primeiro e aquela que chegou depois, pode ser compreendido a partir de Campos (2011) por considerar o espaço geográfico e de sociabilidade como espaço de fronteira humana, e aqui enfatizamos como fronteira de relações e seus simbolismos. Portanto, a demarcação da residência, significa fronteira de resistência por atitudes de preconceito, discriminação, rejeição e, como bem disse a professora, pelas penalidades. O tempo de moradia parecia criar hierarquia na prioridade dos usos dos espaços.

A professora Rosiete buscou conciliar os contrários através de seu modo de ser, superando a passividade, uniu esforços dedicados ao trabalho, o reconhecimento da comunidade e dos alunos para exigir seus direitos de moradora. “Eu fui aprendendo que você tem que ceder as coisas, mas tem que olhar que você tem direito e eu fui aprendendo a conviver com isso e a falar, lutar pelo meu reconhecimento”.

Para debater sentidos de convivências entre as professoras migrantes, recorremos a Assis (2007) quando pesquisando o processo relacional em rede social, considera a dinâmica das experiências estabelecidas entre os migrantes não apenas pela perspectiva da solidariedade, mas também pelo conflito e pela exploração dos próprios conterrâneos entre si. No depoimento

da professora Rosiete ficou evidente a questão da rejeição inicial entre o grupo de professoras na luta pelo melhor espaço na casa.

Se, por um lado, a compreensão do processo migratório a partir do enfoque nas redes sociais aponta para a importância das relações de solidariedade [...], por outro lado revela que tais redes são também fonte de ambiguidade e conflito. Em decorrência disso, muitas vezes os migrantes recém-chegados são explorados por seus conterrâneos; assim, tais relações seriam a base não só para a solidariedade e a ajuda mútua, mas também para a divisão e o conflito étnico. (ASSIS, 2007:752 e 753)

Enquanto Rosiete interpretou as relações de poder instaladas na casa dos professores pelo viés da disputa de espaço, Fátima trouxe à tona outras dificuldades para conseguir residir ali.

Eu trabalhava com 100 horas, naquele tempo quem trabalhava como serviço prestado passava de 3 a 4 meses para receber, era muita dificuldade, eu tinha a minha filha para criar, eu morei um tempo na casa da Naza do Herculano, a Cris ficava jogada por lá, naquele tempo ela começou a ir para a pré-escola. Era muito difícil eu trabalhar e cuidar dela, eu não tinha como pagar alguém para cuidar dela, então eu levei a Cris para a casa da minha mãe para ficar lá até melhorar a situação, porque eu não recebia, ela tinha 1 ano e pouco, só que ela adoeceu, quase morreu por lá, eu tive que ir buscar, só que nesse período eu fui morar na casa dos professores lá na frente, tinha a Célia Rosa, a Sebastiana, o Luiz, que também era professor, a Luiza, a Graçona, moravam todos lá, mas lá eu não podia morar porque eu tinha criança, então foi uma regra que foi quebrada porque a Cris andava atrás de todo mundo por lá, a Graça cuidou dela um tempão, levava para o pré. A Cris ficava o dia todo na pré-escola e eu trabalhava. (Professora Fátima-2014)

“Sentir o pertencimento é mais do que um desejo é uma necessidade para aqueles que se deslocam” (NOBRE, 2009:115). Morar na casa dos professores para Fátima foi sentir-se pertencente àquela comunidade e acolhida pelo grupo. Antes disso, era uma migrante sem teto, morou com Irene depois com Naza, tinha um destino incerto e duvidoso. A migração era o seu endereço, a sua permanência.

Para fazer parte do grupo das professoras foi preciso fazer conciliação, tinha uma filha e na casa não podia morar criança, com o apoio de uns e a resistência de outros o jogo de articulação foi feito entre o individual e o coletivo, a instabilidade e a estabilidade, a mudança e a permanência, nessa partida a regra foi quebrada para melhorar a situação estrutural de Fátima no município. Ao fazer parte do grupo, Fátima narrou como a amizade com as professoras, especialmente com Graça e Rosiete, fez o tempo de convivência com sua filha na casa dos professores ser lembrado com grande alegria, entusiasmo e saudade.

A Graça, meu Deus! me ajudava muito, cuidava da minha filha, ficava com ela, a própria Célia Rosa, que era a mais rabugenta (risos), não gostava de criança, mas a Cris, às vezes andava atrás dela. Mas, a Rose para mim, tudo que eu precisar, até



dinheiro se eu estiver aperreada ela diz: “Fátima eu te ajudo”. Depois eu conheci o Ivan, fui morar com o Ivan, a Rose também casou com o Mauro e todo mundo casou, a casa lá acabou. (Professora Fátima-2014)

Ter um endereço, estar com o grupo foi para a professora Fátima o apoio que precisou para dar outro sentido para sua vida na terra hospedeira. Nessa passagem da narrativa, ela deixa ver que o casamento fez com que a história das professoras migrantes em Melgaço encerrasse um importante capítulo da trajetória. Sayad (2000:11) afirma que “o imigrante [...] só deixa de sê-lo quando não é assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal”. Já em Demartini a ideia de ser migrante está para além do “deslocamento” ou de “trânsito”, é um estado de aceitação ou negação, portanto, faz parte da subjetividade, da forma como cada um se denomina.

### **Desembarque**

Depois que as professoras contraíram enlace matrimonial, tornaram-se mães e foram habitar em casa própria na cidade, a antiga habitação assumiu outros usos e funções, mesmo que a memória local ainda revitalize o prédio como a “casa dos professores”. A prefeitura municipal reformou a residência e a transformou em órgão ligado ao Departamento de Merenda Escolar, inconscientemente deixando conexões com a educação.

No balanço que as professoras realizaram de suas trajetórias de vida pessoal e profissional em Melgaço, hoje aposentadas ou em processo de aposentadoria, destacaram que ali dedicaram e viveram o tempo mais importante de sua existência. A experiência lhes possibilitou saírem do anonimato e serem enxergadas, respeitadas e valorizadas pela comunidade local. Adotaram o município como “terra-mãe”, já que a identidade profissional foi alinhavada em meio a um conjunto de ações compartilhadas. Contíguo ao fazer educacional, as professoras migrantes tornaram-se importantes lideranças políticas, sociais e religiosas. Passagem do depoimento de Wilma, parece trazer à tona a polifonia de sentidos do que significa Melgaço para todas as narradoras.

Melgaço me deu tudo o que eu tenho hoje (emociona), a minha bagagem cultural eu devo a Melgaço. Foi aqui que eu trabalhei, consegui pagar meus cursos, fazer duas pós-graduação, consolidar-me profissionalmente. [...] se eu tivesse trilhado outro caminho talvez eu não tivesse alcançado esses degraus e o reconhecimento. [...] outro dia eu recebi uma carta de gratidão da Ludimila, hoje Psicóloga, formada pela Universidade da Amazônia. Eu nunca pensei que um dia isso aconteceria comigo, mas aconteceu e eu fiquei lisonjeada. (Professora Wilma-2014)

Certamente esse balanço positivo deve muito aos lugares e sentidos que o passado vivido assumem no presente. A esse respeito Nobre (2009:21) é esclarecedora: “A análise sobre a história de vida de professores migrantes ajuda a entender o indivíduo na relação com a história do seu tempo, ao esclarecer, assim, as escolhas, investimentos e opção com que se depararam, bem como a percepção de imagens que constroem sobre a profissão”.

Na cartografia de sentidos que procuramos urdir para analisar conquistas, conflitos, limites e superações, as professoras migrantes revelaram o que consideraram importante publicizar naquele momento da conversa. Talvez em outro momento e com outras pessoas novas histórias sejam ditas ou silenciadas. Cada uma viveu e construiu sua história com/em Melgaço de acordo com seus princípios e da forma que acreditavam ser correto. Portanto, a história de cada uma revela especificidades e relações, as quais ajudam a entender um singular capítulo da história da educação nesse município marajoara.

### Referências

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALEXANDRE, Ivone Jesus. Professoras Migrantes em Mato Grosso. *Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (des)igualdades*, Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA) – PAF I e II Campus de Olinda, 07 a 10 de Agosto de 2011, p. 01-10.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. SP: Unesp, 1998.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2001.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis: setembro-dezembro de 2007, p. 745-772.

BAIA SARRAF, Ilca Pena. *Professores, Pai e Ex-Alunos: memórias e experiências do Magistério em Melgaço-Pa (1990-2001)*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Campus Universitário de Breves, UFPA, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cartografia de Professoras Migrantes: Formação Docente na Construção de Identidades*. Exame de Qualificação de Mestrado em Educação. Belém: UEPA, outubro de 2014.

BHABHA, Homi. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: *O local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 198-238.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMPOS, Maria das Graças. Professoras Migrantes de Campo Verde no encontro da fronteira. *Revista LetrasMil*. v. 01, n. 02, dezembro, UNIC/ FAED, 2011, p. 95-109.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 139-197.

DEMARTTINI, Zeila de Brito Fabri. Imigrantes: entre políticas, conflitos e preconceitos. *Cadernos CERU*, série 2, v. 21, n. 2, dezembro de 2010, p. 49 a 75.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

NOBRE, Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues. *Histórias de Vida de Professores Migrantes: culturas e contextos de Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado em Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2009.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. *História Oral*, v. 08, n. 01, jan.-jun, 2005, p. 91-106.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, PUC-SP, São Paulo, n. 14, fev., 1997, p. 07-24.

SANTOS, Boaventura de Souza e MENEZES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SARRAF-PACHECO, Agenor *À Margem dos Marajós: cotidiano, memórias e imagens da "cidade-floresta" Melgaço-PA*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo 1998.

\_\_\_\_\_. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia Revista do Imigrante*. São Paulo, v. 13, jan. 2000, p.3-14.



# XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC

20

TANUS, Maria Ignez Joffre. *Mundividências: histórias de vidas de migrantes professores*. São Paulo: UNIC: Zouk, 2002.

TEXEIRA. M<sup>a</sup> Cecília S. Apresentação. In: TANUS, Maria Ignez Joffre. *Mundividências: histórias de vidas de migrantes professores*. São Paulo: UNIC: Zouk, 2002, p. 11-16.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questão sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Projeto História 15*, PUC/São Paulo, Nov/1997, p. 51-71.